

INFÂNCIAS, LITERATURA E AMBIÊNCIAS ESTÉTICAS: A EXPERIÊNCIA FORMATIVA DE UMA CABANA LITERÁRIA NO PIBID

Raissa Lorena Gonçalves Araújo¹

Eliane Ferreira de Souza Santana²

Alany Regina Rocha de Souza³

Eliana Simões Sampaio Ramon⁴

RESUMO

O presente relato apresenta a construção e vivência de uma cabana literária realizada por pibidianas do curso de Pedagogia, vinculadas ao subprojeto Alfabetização Educação Infantil do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em uma escola pública municipal de Rondonópolis. Mato Grosso, com uma turma de crianças de 5 anos. Sob supervisão da professora regente da turma, a proposta buscou ampliar as experiências estéticas e literárias das crianças por meio da criação de um espaço simbólico de leitura dentro da sala de referência. Essa iniciativa rompeu com o modelo tradicional do “cantinho de leitura”, frequentemente usado apenas como elemento decorativo, ao oferecer um ambiente mais intencional, acolhedor e esteticamente significativo para a mediação da leitura. A cabana, confeccionada com TNT colorido, é móvel e pode ser deslocada para outros espaços. Foi suspensa no teto, posicionada ao centro da sala e composta por tapete macio, almofadas e uma curadoria criteriosa de livros literários infantis. O referencial teórico-metodológico que orientou a experiência fundamenta-se nas concepções de infância como sujeito de direitos, da literatura como arte e da escola como espaço de invenção e sensibilidade. As crianças vivenciaram momentos de leitura livres e mediados na cabana, demonstrando envolvimento, encantamento e apropriação do espaço como lugar de escuta, imaginação e afeto. A experiência evidenciou que a ambiência estética contribui para ampliar o repertório cultural e literário das crianças, fortalecer vínculos afetivos e promover o prazer da leitura. Para as pibidianas, a prática constituiu um potente processo formativo, articulando teoria, planejamento coletivo, escuta sensível e protagonismo infantil.

Palavras-chave: Literatura infantil, Educação Infantil, PIBID, Experiência formativa, Infâncias.

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondonópolis– MT, raissalorenaraaj@gmail.com;

² Graduando pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondonópolis– MT , rochaalany25@gmail.com;

³ Graduando pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondonópolis– MT

⁴ Mestranda pelo Curso de Mestrado em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/FW) - RS, eliana.sramon@gmail.com;





INTRODUÇÃO

O contato com a literatura na Educação Infantil vai além da leitura de histórias: pode ser uma experiência estética, sensível e transformadora quando pensada como espaço de encontro entre leitura, infância e afetos. Em muitas escolas, o “cantinho de leitura” acaba funcionando apenas como elemento decorativo, raramente promovendo um ambiente propício à fruição literária e ao encantamento (Ostetto; Silva, 2018). Em contrapartida, propor ambiências estéticas cuidadosamente construídas permite recriar o modo como as crianças se aproximam da leitura, favorecendo escuta, autoria e encantamento (Seixas; Ostetto, 2021).

Inspiradas pelas concepções de infância enquanto sujeitos de direitos, produtoras de cultura e capazes de interpretações singulares do mundo (Sarmiento, 2004), e pela literatura como forma de arte e linguagem simbólica, as pibidianas do subprojeto Alfabetização Educação Infantil do PIBID da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR) desenvolveram a experiência de uma cabana literária. A atividade foi realizada com crianças de cinco anos, em uma escola pública municipal de Rondonópolis (MT), dentro da própria sala de aula. A cabana, confeccionada com TNT colorido, tapete macio, almofadas e uma curadoria intencional de livros infantis, foi pensada como espaço simbólico de leitura, acolhimento e imaginação.

Esse espaço rompeu com a lógica convencional do “cantinho fixo” ou da leitura como atividade dirigida, oferecendo um lugar móvel, central e esteticamente significativo, que valorizava o estar com o livro como experiência poética e afetiva. A proposta apoia-se em pressupostos que concebem a estética como dimensão pedagógica e a ambiência como elemento ativo na construção de sentidos pelas crianças (Seixas; Ostetto, 2021).

Além disso, essa experiência contribuiu para a formação das pibidianas ao articular prática e teoria, desafiando-as a pensar a leitura como mediação sensível, a observar os gestos das crianças com atenção e a refletir sobre a intencionalidade estética do ambiente. Como afirma Ostetto (2021), experiências formativas que envolvem arte e estética promovem deslocamentos no olhar docente e mobilizam aprendizados que ultrapassam os limites dos conteúdos curriculares.





Diante desse contexto, este artigo busca responder à seguinte questão: De que modo a criação e a vivência de uma cabana literária, concebida como ambiência estética, contribuem para a formação das pibidianas e para a vivência literária das crianças?

Os objetivos deste artigo são: (i) descrever o processo de construção e mediação da cabana literária; (ii) analisar os modos de apropriação da literatura pelas crianças nesse espaço; (iii) refletir sobre os aprendizados das pibidianas no processo de escuta e mediação estética.

Essa discussão será aprofundada na próxima seção, que apresenta o referencial teórico sobre infância, literatura, estética e formação docente, com base em autores como Altino José de Oliveira (2013), Luciana Ostetto (2018; 2021) e Seixas e Ostetto (2021).

REFERENCIAL TEÓRICO

Infância como sujeito de direitos, cultura e estética

Compreender a infância como tempo singular, dotado de valores culturais, expressivos e simbólicos, implica reconhecê-la como sujeito de direitos e ator social. Essa perspectiva, presente na *Base Nacional Comum Curricular* (Brasil, 2017), orienta práticas pedagógicas que valorizam o protagonismo infantil, a escuta e a expressão simbólica. Nessa mesma direção, autores como Sarmiento (2004) e Oliveira (2013) reforçam que as infâncias produzem cultura, sentidos e linguagens próprias, manifestando-se de modo estético e criativo nas interações cotidianas.

Oliveira (2013) evidencia a importância de observar os gestos, silêncios, curiosidades e movimentos cotidianos das crianças e das professoras, compreendendo-os como marcas da experiência estética na escola. Ao reconhecer essas minúcias como constitutivas da docência sensível, o autor propõe uma prática que ultrapassa o planejamento formal e se constrói na escuta atenta, no afeto e na presença com as infâncias.

A proposta da cabana literária dialoga diretamente com essa concepção de infância: ao deslocar a leitura para um espaço simbólico construído no centro da sala de aula, promove-se a infância como presença estética ativa. A ambientação, cuidadosamente planejada com tecidos coloridos, almofadas e uma curadoria intencional de livros, favoreceu a imersão das crianças na leitura — como sujeitos que sentem, escolhem e atribuem sentidos ao mundo por meio das histórias.





Literatura como arte e mediação estética do ambiente literário

A literatura, na Educação Infantil, não deve ser reduzida a um instrumento de alfabetização, mas compreendida como arte e experiência de fruição. Como destaca Ostetto (2018), a leitura literária pode abrir espaços de escuta, imaginação e afetividade, desde que as mediações pedagógicas sejam sensíveis ao tempo, ao corpo e ao ritmo das crianças.

Ostetto e Silva (2018) problematizam a ausência da arte e da estética na formação de professores para a infância. As autoras defendem que a formação docente precisa incorporar saberes sensíveis e práticas estéticas que mobilizem o encantamento, a escuta e a invenção, dimensões essenciais para a construção de mediações literárias significativas. Nesse sentido, a criação da cabana como espaço estético de leitura aproxima-se da proposta de uma mediação não apenas técnica, mas também simbólica, relacional e criativa.

Essa concepção é reforçada por Ostetto (2021), ao afirmar que a arte, quando presente na formação docente, amplia a escuta e a potência criadora do professor, fazendo da leitura uma experiência estética compartilhada. A cabana literária, portanto, foi mais do que um cenário: constituiu-se como mediação, convite e presença literária viva na sala de aula.

Ambiência estética, espaço e leitura na infância

As ambiências estéticas são compreendidas como espaços intencionalmente construídos para provocar sensações, emoções e interpretações. Seixas e Ostetto (2021) destacam que o espaço educativo atua como mediador da experiência formativa e estética: sua disposição, cores, texturas e organização afetam o modo como os sujeitos se relacionam com o saber, com o outro e consigo mesmos.

No caso da cabana, a ambientação favoreceu a criação de um “entre-lugar” de leitura, nem atividade dirigida, nem livre de sentidos, mas um espaço simbólico de encontro entre criança, livro e imaginação. As crianças experimentaram esse espaço com o corpo inteiro: deitaram, contaram histórias, sussurraram falas, tocaram páginas, criaram silêncios. A literatura ganhou, assim, espessura estética e afetiva.





Ao romper com o modelo tradicional do “cantinho decorado”, a cabana propôs uma reorganização simbólica do espaço da sala de aula, deslocando o livro para o centro, física e simbolicamente. Como afirmam Seixas e Ostetto (2021, p. 12), “a estética se inscreve na materialidade do espaço, nos gestos, nos objetos e nas relações ali estabelecidas”.

Formação docente sensível: estética, escuta e mediação

A formação docente, quando atravessada pela arte e pela estética, favorece o desenvolvimento de um olhar atento ao cotidiano, à linguagem simbólica das crianças e às possibilidades inventivas da prática pedagógica. Ostetto (2021) mostra, por meio de narrativas de formação, que as práticas com arte transformam o modo como os futuros professores compreendem o ato de ensinar: menos como transmissão e mais como presença sensível, escuta e criação.

No contexto da experiência da cabana literária, as pibidianas passaram por deslocamentos formativos significativos, ao planejar a ambiência, ao observar as interações das crianças e ao mediar a leitura de forma não diretiva. Vivenciaram a literatura como prática pedagógica de escuta, e não de condução. Esse processo constituiu uma oportunidade potente de aprendizagem estética e docente, como defendem Corrêa e Ostetto (2018), ao afirmarem que a formação sensível se constrói nas experiências que mobilizam o olhar, o sentir e o agir do professor.

Além disso, os registros reflexivos — em diário de campo e imagens, funcionaram como instrumentos de ampliação do olhar: permitiram que as pibidianas revisitassem suas escolhas, observassem o que inicialmente passara despercebido e refletissem sobre as minúcias do cotidiano (Oliveira, 2013). O registro, como reforça Ostetto (2021), não é mero controle, mas um gesto estético e ético de escuta, que revela modos de ser, sentir e aprender na docência.

A seguir, na seção Metodologia, descrevemos o contexto, os participantes, a organização do espaço e os procedimentos adotados para documentar e refletir sobre essa prática pedagógica, bem como o percurso formativo vivenciado pelas pibidianas.

METODOLOGIA





Este estudo configura-se como um relato de experiência formativo, desenvolvido no âmbito do subprojeto PIBID Alfabetização Educação Infantil da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). A intervenção foi realizada no primeiro semestre de 2025, em uma escola

pública municipal localizada na periferia de Rondonópolis (MT), com uma turma de aproximadamente 21 crianças de cinco anos.

Participaram da experiência quatro pibidianas e a professora supervisora, que também exercia a função de regente da turma. A proposta consistiu na construção e mediação de uma cabana literária dentro da sala de referência. O espaço foi cuidadosamente planejado com TNT colorido suspenso no teto, tapete macio, almofadas confortáveis e uma curadoria de livros infantis selecionados com base em critérios de qualidade estética, diversidade temática e potencial poético das obras.

A cabana foi posicionada no centro da sala, rompendo com a lógica de um “cantinho de leitura” periférico e meramente decorativo. Inspiradas na proposta de uma ambiência estética ativa (Seixas; Ostetto, 2021), as pibidianas buscaram criar um espaço simbólico de acolhimento e fruição da leitura, no qual as crianças pudessem se apropriar corporal e afetivamente dos livros, explorando-os com liberdade, curiosidade e encantamento.

Durante os momentos de leitura, realizados no turno das atividades livres, dentro do planejamento semanal, foram produzidos registros visuais (fotografias e vídeos), com consentimento institucional, a fim de documentar interações, expressões e usos do espaço. Paralelamente, manteve-se um diário de campo elaborado pela professora supervisora, com anotações reflexivas sobre observações, gestos significativos, escolhas de mediação das pibidianas e manifestações espontâneas das crianças durante a vivência literária.

A análise dos dados adotou uma abordagem qualitativa de caráter interpretativo (Bogdan; Biklen, 1994), priorizando episódios significativos que revelassem apropriação do espaço, gestos leitores e experiências estéticas. As imagens, relatos e trechos do diário de campo foram articulados ao referencial teórico, especialmente às concepções de docência sensível e formação estética (Ostetto, 2021; Oliveira, 2013) e aos estudos sobre ambiência pedagógica e simbologia dos espaços educativos (Seixas; Ostetto, 2021).





Como reforçam Ostetto e Silva (2018), o espaço da experiência estética na formação docente não se restringe ao fazer artístico, mas envolve a escuta atenta, o planejamento sensível e a mediação poética. A proposta metodológica deste estudo buscou captar esses elementos na experiência prática da cabana literária, compreendendo a arte como dimensão formativa e relacional do ato de ensinar.

A seguir, apresentamos os principais achados organizados em categorias emergentes a partir dos registros empíricos, e discutimos suas implicações para a prática docente e para a literatura na Educação Infantil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, os achados foram organizados em três categorias analíticas que emergiram dos registros visuais e escritos: (1) Apropriação estética do espaço literário; (2) Leitura, afetos e interiorização literária; (3) Formação docente estética: mediação, escuta e transformação.

Apropriação estética do espaço literário

As crianças apropriaram-se da cabana literária de maneira autônoma e criativa: movimentavam almofadas, escolhiam posições para ler, levantavam o tecido para espiar livros e exploravam a proximidade física com o espaço construído. Essas movimentações indicam que o ambiente não permaneceu como um “cenário” estático, mas se tornou atuante e vivo na mediação literária. Conforme destacam Seixas e Ostetto (2021), o espaço educativo é um mediador estético e simbólico das experiências de aprendizagem, pois “a estética se inscreve na materialidade do espaço, nos gestos e nas relações ali estabelecidas”.

Essa apropriação conecta-se à concepção de ambiência estética como espaço ativo de leitura, não apenas como pano de fundo, mas como elemento participante da experiência. Seixas e Ostetto (2021) apontam que os espaços-tempos poéticos e simbólicos favorecem tanto a formação estética docente quanto a expressão simbólica das crianças, ao promoverem interações entre corpo, materialidade e imaginação.





As escolhas visuais, cores, disposição dos livros e iluminação do espaço, também desempenharam papel significativo na experiência. A estética cuidadosa da cabana parece ter reforçado o desejo de adentrar o espaço literário, sustentando a compreensão de que ambiências pensadas e sensíveis potencializam o encontro entre leitura, corpo e imaginação, sensibilizando os sujeitos da leitura.

Leitura, afetos e interiorização literária

Dentro da cabana, observou-se maior intimidade na leitura: algumas crianças se recolhiam em almofadas para “falar sozinhas com o livro”, outras compartilhavam trechos com colegas, algumas expressaram encantamento ou surpresa. Em momentos de leitura mediada, era possível escutar respirações silenciosas, olhares demorados e pausas que indicavam fruição literária.

A interiorização literária (isto é, quando a criança parece “se interiorizar” no texto) se fez presente: mãos circulavam páginas devagar, olhares percorriam imagens com atenção e pequenas falas escapavam: “ah, olha isso!”, “eu gosto daqui”. Essas expressões emocionais e cognitivas destacam o modo como a cabana favoreceu aproximação sensível ao literário. Dentro da cabana, observou-se uma maior intimidade na leitura: algumas crianças se recolhiam sobre as almofadas para “falar sozinhas com o livro”, outras compartilhavam trechos com colegas, e várias expressavam encantamento ou surpresa. Nos momentos de leitura mediada, era possível escutar respirações silenciosas, olhares demorados e pausas que revelavam fruição literária.

A interiorização literária, isto é, quando a criança parece mergulhar afetivamente no texto, se fez presente: mãos deslizavam pelas páginas com delicadeza, olhares percorriam as imagens com atenção, e pequenas falas escapavam: “ah, olha isso!”, “eu gosto daqui”. Essas manifestações emocionais e cognitivas revelam como a cabana favoreceu uma aproximação sensível e poética com o literário, transformando o ato de ler em um encontro entre corpo, afeto e imaginação.

Esses achados dialogam com os estudos de Ostetto (2021) sobre a narrativa estética na formação docente e a necessidade de ambientes sensíveis para o florescimento da leitura





como experiência. Em *Narrativas de uma pedagoga sobre arte na formação docente*, a autora relata como as práticas estéticas mobilizam a experiência sensível e autoral das professoras envolvidas.

A ambiência estética da cabana parece ter incentivado a leitura como um ato menos instrumental e mais afetivo, possibilitando que as crianças se apropriassem do espaço literário como território de escuta, imaginação e presença.

Para as pibidianas, a experiência representou um desafio na mediação: em muitos momentos, foi preciso recuar da voz orientadora e adotar uma postura de escuta e observação

paciente, reconhecendo quando intervir e quando silenciar. A mediação estética exige sensibilidade para as microocorrências, pausas, trocas de olhares, gestos silenciosos, demandando uma postura docente que se desloca do uso convencional do livro para uma relação mais poética, dialógica e sensível com a leitura.

Além disso, o uso do registro visual (fotografias e vídeos) e do diário reflexivo foi fundamental para que as pibidianas revisitassem suas escolhas, reconhecessem padrões e refletissem esteticamente sobre suas práticas. Ostetto (2011) enfatiza o valor do registro na formação docente como forma de tornar visível o invisível e alimentar a reflexão estética sobre o cotidiano.

Dessa maneira, a cabana literária operou não apenas como espaço de leitura das crianças, mas também como laboratório formativo para as pibidianas, promovendo transformações no modo de ver, escutar e mediar literariamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência formativa da cabana literária evidenciou que uma ambiência estética cuidadosamente construída pode transformar o encontro com a literatura na Educação Infantil, favorecendo apropriação simbólica, fruição literária e presença poética das infâncias. As crianças manifestaram gestos de leitura sensível, sentimento de pertencimento e liberdade na exploração dos livros, revelando o potencial formador do espaço estético na mediação literária.

Para as pibidianas, mediar essa proposta exigiu deslocamentos conceituais e sensíveis: aprenderam a recuar, escutar, observar gestos sutis e permitir que o literário se insinuasse no





espaço. O registro reflexivo, visual e escrito, constituiu-se como ferramenta de auto-observação estética e formadora.

Em termos de aplicação empírica, esta proposta pode inspirar outras experiências de ambientes literários estéticos, cabanas, tendas ou refúgios literários, em escolas públicas, valorizando a literatura como experiência sensível e íntima para as crianças. Há pertinência e relevância em que os agentes de formação docente incorporem práticas estéticas e ambiências nos processos formativos iniciais.

Reconhece-se, contudo, a limitação deste relato pontual, dado o contexto específico, o número reduzido de participantes e a ausência de acompanhamento longitudinal. Sugere-se que pesquisas futuras avancem na investigação continuada das produções literárias infantis, comparando diferentes configurações espaciais e estéticas e incluindo o envolvimento familiar na construção desses ambientes.

Por fim, a cabana literária simboliza o encontro entre infâncias, literatura e sensibilidade estética, um convite para que a escola se torne espaço de leitura viva, imaginação e cuidado.

REFERÊNCIAS

Bogdan, Robert C.; Biklen, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

Brasil. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

Corrêa, Guilherme do Val Toledo Prado; Ostetto, Luciana Esmeralda. Formação estética e docência: o desafio da sensibilidade. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 26, n. 1, p. 72–89, 2018.

Oliveira, Altino José de. O professor criancista e a sensibilidade nas infâncias. In: Albuquerque, Simone Amorim de; Baptista, Mônica Correia (orgs.). **Docência na Educação Infantil**: práticas e saberes de professores criancistas. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013. p. 45–62.





Ostetto, Luciana Esmeralda; Silva, G. D. de B. Formação docente, Educação Infantil e arte: entre faltas, necessidades e desejos. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 15, n. 41, p. 260–287, 2018.

Ostetto, Luciana Esmeralda; Folque, Maria Assunção. Professoras em formação e imagens de obras de arte: encontros, olhares e narrativas de si. In: Furtado, R. M. M. (org.). **Pensar o ver**. Goiânia: UFG, 2021. p. 255–280.

Sarmiento, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas sociedades contemporâneas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 26, p. 43–52, 2004.

Seixas, Cristiana Garcez dos Santos; Ostetto, Luciana Esmeralda. Espaço, arte e expressão na formação docente: iluminuras do sensível. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 39, e070456, 2021.

